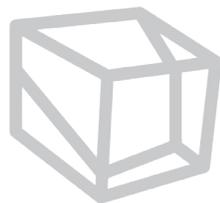




Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP

Editor responsável:
Umberto Cerasoli Jr

Designação numérica:
v.3.1, 2015



5º
spa
usp
ppgac
resumos

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

S471r Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP
(3.1 : 2015 : São Paulo)

Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP / organização: Charles Roberto Silva; Daina Felix; Danilo Silveira; Humberto Issao Sueyoshi; Marcello Amalfi; Sofia Boito; Umberto Cerasoli Jr; Victor de Seixas; – São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015.

v.3, n.1, 205 p.

Resumos apresentados no Seminário, realizado de 8 a 11 de setembro de 2015, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Comunicações e Artes/USP.

ISSN 2318-8928

1. Teatro – Seminários 2. Teatro – Pesquisa I. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

CDD: 792

COMISSÃO ORGANIZADORA DO SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM ANDAMENTO PPGAC/USP

Comissão Organizadora

Charles Roberto Silva

Daina Felix

Danilo Silveira

Humberto Issao Sueyoshi

Marcello Amalfi

Sofia Boito

Umberto Cerasoli Jr

Victor de Seixas

Professora Responsável

Profa. Dra. Elisabeth Silva Lopes

Realização

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

Diagramação e Impressão

Canal 6 Editora

Periodicidade

Anual

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



MANIFESTO PELA PESQUISA PERFORMATIVA¹

Brad Haseman

Queensland University of Technology

Resumo: Pesquisadores em artes, mídia e design muitas vezes lutam para encontrar metodologias utilizáveis dentro dos paradigmas de pesquisa ortodoxos das pesquisas quantitativa e qualitativa. Em resposta a isso e ao longo da última década, a pesquisa guiada-pela-prática emergiu como uma estratégia potente para aqueles pesquisadores que desejam iniciar e depois prosseguir a sua investigação através da prática. Este artigo analisa a dinâmica e importância da pesquisa guiada-pela-prática e argumenta para que ela seja entendida como uma estratégia de investigação dentro de um paradigma de pesquisa inteiramente novo – Pesquisa Performativa. Recebendo o seu nome a partir da teoria dos atos de fala de J.L. Austin, a pesquisa performativa permanece como uma alternativa aos paradigmas qualitativos e quantitativos, insistindo em diferentes abordagens para projetar, conduzir e relatar a investigação. O artigo conclui observando que uma vez compreendido e totalmente teorizado, o paradigma da pesquisa performativa terá aplicações para além das artes e em toda a indústria criativa e cultural em geral.

Estamos diante de um momento crucial no desenvolvimento da pesquisa. As metodologias estabelecidas das pesquisas qualitativa e quantitativa enquadram o que é legítimo e aceitável. No entanto, essas abordagens aprovadas não conseguem satisfazer as necessidades de um número crescente de pesquisadores guiados-pela-prática, especialmente nas artes, mídia e design. Dentro do binário da pesquisa quantitativa e qualitativa, esses pesquisadores guiados-pela-prática têm se esforçado para formular metodologias sensíveis a suas crenças fundamentais sobre a natureza e o valor da investigação. Este artigo revisa as tensões e atritos inerentes a atual situação e conclui propondo que um novo paradigma para a pesquisa está chegando, um terceiro paradigma melhor compreendido como pesquisa performativa.

1 Publicado originalmente em: Haseman, Brad (2006) A Manifesto for Performative Research. International Australia Incorporating Culture and Policy, theme issue “Practice-led Research” (no. 118): pp. 98-106. Tradução para o português: Marcello Amalfi.

Os paradigmas tradicionais de pesquisa

A divisão quantitativa/qualitativa é uma das mais duráveis distinções metodológicas estabelecidas em pesquisa. Embora quase todo escritor contemporâneo advirta para não as enxergarmos como hermeticamente fechadas, as categorias “quantitativo” e “qualitativo” balizam noções utilizáveis, distintivas e opostas sobre os propósitos e condutas de diferentes abordagens para pesquisa.

A pesquisa quantitativa abrange um conjunto de abordagens científicas e dedutivas e estabelece “questões de investigação e hipóteses a partir de modelos teóricos, e então os testa contra a evidência empírica” (Flick, 2003, p. 3). Ao testar impiedosamente tais hipóteses, essa pesquisa enfoca medidas e quantifica fenômenos, construindo-os em termos de frequência, distribuição e causa e efeito. O objetivo final é isolar princípios que permitam uma generalização dos resultados e a formulação de leis invariáveis.

Protocolos foram formulados para conduzir métodos de investigação e sustentar a análise estatística de dados. O resultado é um conjunto de metodologias de pesquisa que visam eliminar o ponto de vista individual do pesquisador (e, quando seres humanos estão envolvidos, os pontos de vista daqueles sujeitos que estão sendo estudados).

A pesquisa qualitativa opera de forma bastante diferente. Ela prefere abordagens indutivas e necessariamente engloba uma ampla gama de estratégias de investigação e métodos, abrangendo as perspectivas tanto dos pesquisadores quanto dos participantes. Como a pesquisa qualitativa tem o objetivo principal de “apreender o sentido da ação humana” (Schwandt, 2001, p. 213), rapidamente se torna claro que os processos e metodologias através dos quais a pesquisa ocorre são de suma importância. Em algumas tradições acadêmicas, como os Estudos Culturais, artefatos (coisas), comportamentos e respostas são construídos como textos qualitativos. Eles são estudados durante o processo de investigação, e as descobertas são representadas como baseando-se em uma variedade de fontes e abordagens. Isso leva Flick a colocar a “pesquisa qualitativa acima de todos os trabalhos com textos” (Flick, 1998, p. 11).

Claramente, essas são duas espécies diferentes de pesquisa, decorrentes de visões do mundo fundamentalmente distintas. Eles incorporam entendimentos alternativos sobre como o conhecimento é criado. No entanto, a óbvia e duradoura diferença entre pesquisa quantitativa e qualitativa reside na forma com que os resultados são expressos. A pesquisa quantitativa é “a atividade ou operação de expressar algo como uma quantidade ou montante – por exemplo, em números, gráficos, ou fórmulas” (Schwandt, 2001, p. 215). No entanto, a pesquisa qualitativa – com a sua preocupação em capturar as propriedades que foram observadas, interpretadas e matizadas dos comportamentos, respostas e coisas – se refere a “todas as formas de investigação social que se baseiam principalmente em [...] dados não numéricos na forma de palavras” (Schwandt, 2001, p. 213). Historicamente, a

pesquisa quantitativa tem sido vista como a metodologia mais robusta, enquanto a pesquisa qualitativa está posicionada como “mais suave”, mais experimental e ligeiramente subserviente (Green, 1991).

A Prática da Pesquisa e Pesquisando na Prática

Os princípios e crenças discutidos acima resultam nas diferentes práticas de pesquisa adotadas pelos pesquisadores qualitativos e quantitativos. Mas como são geralmente aplicadas essas práticas de pesquisa ao estudo das práticas de construção-de-significado, aqueles que envolvem “a aplicação efetiva de um plano ou método, como oposição às teorias relacionadas a ele” (OCDE)?

Em termos gerais, os pesquisadores quantitativos não estão muito interessados nos fenômenos da prática humana (a menos que ele possa ser medido, é claro, dizem Masters e Johnson [1966]). Da mesma forma, importantes pesquisadores qualitativos estabeleceram estratégias de pesquisa que informaram a pesquisa sobre prática, e toda a panóplia de métodos de observação desenvolvida para a pesquisa qualitativa e quantitativa veio atestar este posicionamento da prática como um objeto de estudo, não como um método de pesquisa.

Dentro da tradição qualitativa, há métodos e estratégias bem estabelecidos, concebidos para investigar e compreender o que Donald Schon chama de “as situações de prática – a complexidade, incerteza, instabilidade, singularidade e conflitos de valores que são cada vez mais percebidos como centrais para o mundo da prática profissional” (Schon, 1983, p. 14). Essas são estratégias de pesquisa baseadas-em-práticas e incluem: o prático reflexivo (abrangendo reflexão-inação e reflexão-em-ação); pesquisa participante; pesquisa participativa; investigação colaborativa e pesquisa-ação. Invariavelmente, essas estratégias reinterpretam o que se entende por “uma contribuição original ao conhecimento”. Ao invés de contribuir para a arquitetura intelectual ou conceitual de uma disciplina, esses empreendimentos de pesquisa estão preocupados com a melhoria da prática e com novas epistemologias da prática destiladas a partir dos entendimentos de iniciados da ação no contexto.

No entanto, nos últimos anos, alguns pesquisadores tornaram-se impacientes com as restrições metodológicas da pesquisa qualitativa e sua ênfase em resultados escritos. Eles acreditam que aquela abordagem necessariamente distorce a comunicação da prática. Tem ocorrido um impulso radical para não somente colocar a prática no âmbito do processo de pesquisa, mas para guiar a pesquisa através da prática. Originalmente propostas por artistas/pesquisadores e pesquisadores na comunidade criativa, essas novas estratégias são conhecidas como prática criativa como pesquisa, performance como

pesquisa, pesquisa através da prática, pesquisa de estúdio, prática como pesquisa ou pesquisa guiada-pela-prática. Neste artigo, para esclarecer, pesquisadores performativos são construídos como aqueles pesquisadores que realizam pesquisas guiadas-pela-prática. A pesquisa guiada-pela-prática é intrinsecamente empírica e vem à tona quando o pesquisador cria novas formas artísticas para performance e exibição, ou projeta jogos *on-line* guiados-pelo-usuário ou constrói um serviço de aconselhamento *on-line* para jovens.

Essa safra fresca de metodologias de pesquisa emergentes se afasta das mais tradicionais abordagens das pesquisas baseadas-em-práticas que fazem parte do arsenal disponível para pesquisadores qualitativos. Em primeiro lugar, elas configuraram uma relação diferente com o problema que impulsiona a pesquisa. É bem aceito na literatura sobre ambos, pesquisa quantitativa e qualitativa, que o projeto precisa fluir a partir de uma questão central de pesquisa ou declaração de problema, ou (em teoria fundamentada) a partir das experiências e entendimentos da população que está sendo pesquisada. A importância de identificar “o problema” ou “a questão” é evidente tanto nos competitivos processos para bolsas quanto no enquadramento das propostas para o estudo de doutorado. Por via de regra, os candidatos são convidados a fornecer uma exposição clara do problema; estabelecer metas e objetivos e as questões de pesquisa a serem respondidas; e pesquisadores são frequentemente convidados a listar as hipóteses a serem testadas. Declarações de propósito, antecedentes, literatura relevante, significado do problema da pesquisa e definições de termos-chave seguem. Esses requisitos constituem a pesquisa guiada-pelo-problema e podem ser atendidos através de ambas metodologias, a qualitativa e quantitativa.

No entanto, muitos pesquisadores guiados-pela-prática não iniciam o projeto de pesquisa com a consciência de “um problema”. Na verdade, eles podem ser levados por aquilo que é melhor descrito como “um entusiasmo da prática”: algo que é emocionante, algo que pode ser desregrado, ou, de fato, algo que somente pode tornar-se possível conforme novas tecnologias ou redes permitam (mas das quais eles não podem estar certos). Pesquisadores guiados-pela-prática constroem pontos de partida empíricos a partir dos quais a prática segue. Eles tendem a “mergulhar”, começar a praticar para ver o que emerge. Eles reconhecem que o que emerge é individualista e idiossincrático. Isso não quer dizer que esses pesquisadores trabalham sem maiores agendas ou aspirações emancipatórias, mas eles evitam as limitações das correções de pequenos problemas e das exigências metodológicas rígidas no primeiro momento de um projeto.

A segunda característica de pesquisadores guiados-pela-prática reside na sua insistência de que os resultados da investigação e as reivindicações de conhecimento devem ser feitos através da linguagem simbólica e forma de sua prática. Eles têm pouco interesse em tentar traduzir as conclusões e entendimentos da prática nos números (quantitativa) e palavras (qualitativa) preferidos pelos paradigmas tradicionais de investigação. Isso significa, por exemplo, que o romancista guiado-pela-prática afirma a primazia do romance;

para o designer de interação 3-D, ela é o código de computador e a experiência de jogar o jogo; para o compositor, é a música; e para o coreógrafo, é a dança. Essa insistência em relatar a pesquisa através dos resultados e formatos materiais da prática desafia as formas tradicionais de representação da reivindicação de conhecimento. Significa ainda que as pessoas que desejam avaliar os resultados da pesquisa também precisam experimentá-los de forma direta (copresença) ou indireta (assíncrono, gravado).

Ao longo da última década, muitos pesquisadores qualitativos têm chegado à mesma conclusão. Limitados pela capacidade das palavras para captar as nuances e sutilezas do comportamento humano, alguns pesquisadores têm utilizado outras formas simbólicas para representar suas reivindicações de conhecimento. Em suas análises das tendências futuras em pesquisa qualitativa, “Qualitative Inquiry: Tensions and Transformations”, Mary M. Gergen e Kenneth J. Gergen escreveram:

Investigadores são convidados a considerar toda a gama de expressão comunicativa nas artes e no mundo do entretenimento – artes gráficas, vídeo, teatro, dança, mágica, multimídia e assim por diante – como formas de investigação e apresentação. Mais uma vez, ao voltar-se para a performance, o investigador evita as reivindicações de verdade mistificadoras e expande simultaneamente o leque de comunidades em que o trabalho pode estimular o diálogo. (Gergen & Gergen, 2003, p. 582-583)

Lincoln e Denzin aplaudiram esse desenvolvimento e acolheram o que eles vêem como “a vez da performance” em pesquisa qualitativa. Eles apreciam a instabilidade criada por essas formas confusas de pesquisa argumentando que elas “reformularam totalmente os debates em torno do discurso científico ‘apropriado’, as convenções técnicas e retóricas da escrita científica, e o próprio significado da pesquisa” (Lincoln & Denzin, 2003, p. 7).

Não é surpreendentemente o fato de que nem todos os pesquisadores qualitativos estão confortáveis com a maneira que essas “formas confusas” parecem estar afastando a pesquisa de princípios fundamentais mantidos desde longa data. Para alguns, o perigo é que “as questões de métodos e de como aplicá-los estão fortemente empurradas para o fundo ou arquivadas como sendo desatualizadas” (Flick, 1998, p. 206), enquanto outros se perguntam se essa “vez da performance” (neste caso, aplicada a pesquisa qualitativa etnográfica) “vai nos levar para mais longe do campo da ação social e dos dramas reais da vida cotidiana e, assim, assinalar a sentença de morte da etnografia como um empreendimento empiricamente fundamentado” (Snow & Morril, 1995, p. 226).

Aqui vemos pesquisadores qualitativos estabelecidos, preocupados com “a vez da performance”, interessados em estabelecer ortodoxias de uma maneira análoga ao pro-

cesso pelo qual a pesquisa qualitativa foi feita subserviente a metodologias quantitativas. E essas tensões são sintomáticas de uma categoria sob pressão. A série de novas estratégias de pesquisa guiadas-pela-prática, os métodos de coleta de dados, e as formas de relatar – que foram desenvolvidos ao longo da última década e incorporados sob a bandeira qualitativa – têm sobrecarregado os limites da categoria “pesquisa qualitativa” na medida em que ela agora parece o título de uma maleta capturando qualquer coisa que não seja pesquisa quantitativa e relatada como dados numéricos.

Um paradigma emergente: Pesquisa Performativa

Aceitando a preocupação dos pesquisadores qualitativos tradicionais sobre “a vez da performance”, é possível argumentar que uma terceira distinção metodológica está emergindo. Essa terceira categoria está alinhada a muitos dos valores da pesquisa qualitativa, mas, no entanto, é distinta dela. A principal distinção entre essa terceira categoria e as categorias qualitativa e quantitativa é encontrada na maneira que ela escolhe para expressar seus resultados. Nesse caso, enquanto os resultados estão expressos em dados não numéricos, ela os apresenta como formas simbólicas, diferentes de palavras de um texto discursivo. No lugar de relatórios de pesquisa, nesse paradigma acontecem ricas formas de apresentação. Para Suzanne Langer, tais formas de apresentação não estão balizadas pelas restrições lineares e limitações sequenciais da escrita discursiva ou aritmética. Ao contrário, seu “próprio funcionamento como símbolos se apoia no fato de que estão envolvidas em uma simultânea e integral apresentação” (Langer, 1957, p. 97). E, assim, quando os resultados da pesquisa são organizados como formas de apresentação, eles implantam dados simbólicos nas formas materiais da prática; formas de imagens fixas e em movimento; formas de música e som; formas de ação ao vivo e código digital.

Quando uma forma de apresentação é usada para relatar uma pesquisa, pode-se argumentar que ela é na verdade um “texto” – da mesma forma que qualquer objeto ou discurso cuja função é comunicativa pode ser considerado um texto – e deve ser entendida como tal dentro da tradição qualitativa. No entanto, essa não é a visão universalmente aceita de “texto” utilizada para relatar a pesquisa dentro da tradição qualitativa. Schwandt é bastante explícito em sua definição: o texto se refere a “dados não numéricos na forma de palavras” (2001, p. 213). Creswell faz a mesma observação organizando “números contra palavras” (2002, p. 58) como uma das diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa.

Mas como podem as formas de apresentação ser entendidas como pesquisa? O que faz de uma dança, um romance, uma performance contemporânea, o resultado de uma pesquisa? Um indício é fornecido pela noção de performatividade fornecida por J.L. Austin (1962). Para Austin, atos de fala performativos são enunciados que realizam, pela sua pró-

pria enunciação, uma ação que gera efeitos. Seu exemplo influente e fundador do performativo é: “Eu aceito (receber esta mulher como minha legítima esposa)”, que representa o que nomeia. O nome encena a si mesmo, e no decurso desse encenar se torna a coisa realizada. (Isso deixa não examinada a difusão da ação realizada – isto é, quanto tempo o casamento persiste, juntamente com as noções de longevidade das seguintes declarações performativas: “para amá-la e respeitá-la, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza...”.)

Nessa terceira categoria de pesquisa – ao lado de quantitativa (números simbólicos) e qualitativa (palavras simbólicas) – o dado simbólico funciona performativamente. Ele não só expressa a pesquisa, mas, nessa expressão, torna-se a própria pesquisa. O contexto, como Austin deixa claro, é crucial para isso:

Nestes exemplos [“eu aceito”; “Eu nomeio este navio Queen Elizabeth”], parece claro que enunciar a sentença (dentro, evidentemente, das circunstâncias adequadas) não é *descrever* meu fazer do que eu deveria ter dito de forma tão enunciada para estar fazendo ou para afirmar que eu estou fazendo: ele é o fazer... a emissão do enunciado é a realização de uma ação.

Quando os resultados da pesquisa são apresentados como tais enunciações, eles também encenam uma ação e são mais apropriadamente chamados de Pesquisa Performativa. Isso não é pesquisa qualitativa: isso é ele próprio.

Uma maneira simples de capturar as principais diferenças entre esses três paradigmas de pesquisa pode ser representada assim.

Pesquisa quantitativa	Pesquisa qualitativa	Pesquisa performativa
“A atividade ou operação de expressar algo como uma quantidade ou porção – Por exemplo, em números, gráficos, ou fórmulas” (Schwandt, 2001, p. 215).	Refere-se a “todas as formas de investigação social que se baseiam principalmente em dados qualitativos... Isto é, os dados não numéricos na forma de palavras” (Schwandt, 2001, p. 213).	Expressa em dados não numéricos, em forma de dados simbólicos diferentes de palavras de um texto discursivo. Esses incluem formas materiais de prática, de imagens fixas e em movimento, de música e do som, de ação ao vivo e código digital.
O método científico	Multi-método	Multi-método guiado-pela-prática

A “prática” em “pesquisa conduzida-pela-prática” é essencial – não é um extra opcional; é a precondição necessária de envolvimento na pesquisa performativa. É importante notar que, ao usar o termo performativa para definir esse campo de pesquisa, estou buscando ir além da maneira com que “performativa” está sendo usada atualmente na literatura de pesquisa. Para Langellier, a performatividade “articula e situa a narrativa pessoal” (Langellier apud Lincoln & Denzin, 2003, p. 447), enquanto Bauman (Bauman apud Lincoln & Denzin 2003, p. 451) olha para o paradigma da performance como um caminho que possibilita aos estudiosos “fornecer um relato integrado da estrutura social e um sentido mais amplo de contexto cultural conforme eles se concentram na narrativa pessoal como prática situada”. Talvez o exemplo mais performativo da mudança de “etnografias textuais para [auto]etnografias performativas” (Denzin e Lincon apud Saldana, 2005, p. ix) vem na forma do etnoteatro, que “emprega o artesanato tradicional e técnicas artísticas da produção de teatro para montar para um público um evento de performance ao vivo das experiências dos participantes da pesquisa e/ou a interpretação de dados pelo pesquisador” (Saldana, 2005, p. 1).

No entanto, a investigação performativa representa algo maior do que “a vez da performance” (que para muitos é uma forma de ação emancipatória através da contação de histórias corporificada e encenada). Este artigo propõe que a investigação performativa represente um movimento que sustenta que a prática é a principal atividade de pesquisa – e não apenas a prática de performance – e vê os resultados materiais da prática como representações de suma importância dos resultados de pesquisas em seu próprio direito.

Claro que seria tolice argumentar a favor de uma separação impermeável entre pesquisa qualitativa e pesquisa performativa, porque elas compartilham muitas diretrizes básicas. Certamente, a investigação performativa é derivada da ontologia relativista e celebra múltiplas realidades construídas. Seu potencial plurivocal opera através de epistemologias interpretativas onde o conhecedor e o conhecido interagem, formatam e interpretam um ao outro.

Finalmente, reconhecer e adotar esse terceiro paradigma de pesquisa reiteraria um pouco da clareza de definição original para a categoria da pesquisa qualitativa. Já observamos as tensões que estão causando fissuras e fraturas dentro do campo e entre os pesquisadores qualitativos: talvez isso possa agora abrandar.

As estratégias e métodos da Pesquisa Performativa

Para propor com sucesso a pesquisa performativa como um terceiro paradigma de pesquisa, é essencial responder o teste (moldado por Lincoln e Denzin) de todas as metodologias de pesquisa disciplinadas: Qual é o “pacote de competências, suposições e práti-

cas que o pesquisador emprega conforme ele ou ela se move do paradigma para o mundo empírico” (Denzin & Lincoln, 2005, p. 25).

Desde o primeiro momento, fica claro que a pesquisa performativa irá se mover para além das atuais práticas da pesquisa qualitativa, para que, a fim de fazer o seu trabalho, novas estratégias e métodos precisam ser (e alguns têm sido) inventados. As novas estratégias e métodos são ditados pelos fenômenos que estão sendo investigado, e o reconhecimento de que o repertório atual de ferramentas metodológicas quantitativas – particularmente a prosa discursiva – não irá acomodar completamente o excedente de operações e resultados emocionais e cognitivos levantadas pelo praticante.

Para a pesquisa performativa, a estratégia necessária e fundamental é a pesquisa guiada-pela-prática, definida por Carole Gray como:

Em primeiro lugar, a pesquisa que é iniciada na prática, onde dúvidas, problemas, desafios são identificados e formatados pelas necessidades da prática e dos praticantes; e, em segundo lugar, que a estratégia de pesquisa é empreendida através da prática, utilizando predominantemente metodologias e métodos específicos que nos são familiares, como praticantes. (Gray, 1996, p. 3)

Enquanto a estratégia guiada-pela-prática de Gray oferece uma formulação fresca e distintiva, estratégias da tradição da pesquisa qualitativa também serão utilizadas para desenvolver o projeto de pesquisa, contudo, estas geralmente serão aplicadas de maneira distinta de sua aplicação qualitativa. Mais comumente, os pesquisadores performativos progredem seus estudos, empregando variações de: prática reflexiva, observação participante, etnografia performativa, etnodrama, investigação biográfica/autobiográfica/narrativa, e o ciclo de investigação da pesquisa-ação.

Para cada uma dessas estratégias de pesquisa, métodos específicos são utilizados para registrar, gerenciar e analisar dados na pesquisa performativa. Mantendo em mente a proposição de Gray, de que a estratégia de pesquisa usa “predominantemente metodologias e métodos específicos que nos são familiares, como praticantes”, não é surpreendente encontrar pesquisadores guiados-pela-prática retencionando métodos estabelecidos a partir da tradição de pesquisa qualitativa. Por exemplo, pesquisadores guiados-pela-prática utilizaram entrevistas, técnicas de diálogo reflexivo, jornais, métodos de observação, trilhas da prática, experiência pessoal e métodos de peritos e de revisão por pares para complementar e enriquecer as suas práticas baseadas no trabalho.

Assim como vêm alterando métodos de pesquisa existentes para criar novas formas de olhar, interpretar e representar as reivindicações de conhecimento, os pesquisadores

performativos estão inventando seus próprios métodos para investigar os fenômenos da prática. Por exemplo, um método emergente – conhecido como uma auditoria artística – é explicitamente concebido para transformar “a crítica literária” em uma mais complexa e rica análise dos contextos de prática dentro dos quais o pesquisador performativo opera. A realização de uma auditoria artística é essencial para o pesquisador guiado-pela-prática que está, por exemplo, investigando a inter-relação entre o corpo vivo e imagem projetada em performance. Enquanto pesquisadores “realizam sua prática” e fazem esse tipo de trabalho, é essencial que eles avancem para além de sua própria mão de obra, a fim de se conectarem com as produções anteriores e contemporâneas que contribuem para o contexto global de investigação para o seu trabalho.

Embora “uma auditoria artística” possa parecer à primeira vista ter sido retirada de práticas carrancudas de contabilidade, ela recebe esse nome a partir da utilização pelo educador musical Keith Swanwick (1979) da palavra “auditoria” para descrever o processo de prestar cuidadosa atenção à forma simbólica de uma obra de arte em performance. Para Swanwick, auditar algo demanda que o “auditor” possua uma certa empatia pelo performer e pelo contexto da performance, uma compreensão das tradições e convenções presentes na obra e, finalmente, uma vontade de “ir junto” com a performance: tomá-la pelo valor de face em primeira instância. Tal perspectiva sublinha o reconhecimento de Austin (1962), de que “as circunstâncias apropriadas” são muito importantes para o processo de performatividade.

Prestar cuidadosa atenção à forma simbólica de determinadas obras de arte fornece um poderoso foco para o pesquisador performativo (e seu público), pois cada símbolo funciona como uma via para conceituar ideias sobre aspectos da realidade, e também como um meio de comunicar que é conhecido para os outros. Por conseguinte, a auditoria de uma obra nunca é neutra: nunca o simples agrupamento de impressões sensoriais. Pelo contrário, ela é dependente da teoria, como o “olho” experiente e informado (ou melhor, “mente”) é capaz de detectar (e o “cérebro” de fazer inteligíveis) sutilezas e nuances nos fenômenos performativos auditados. Dessa forma, “auditar” vai além do simples ato de “testemunhar” exigido de outros espectadores e audiências.

Embora ainda haja muito a fazer na formulação e desenvolvimento da teoria e prática da pesquisa conduzida-pela-prática, uma rápida expansão do campo é inevitável. Ao longo dos próximos anos, um número crescente de pesquisadores performativos estará transformando suas técnicas de prática em rigorosas e específicas estratégias de investigação e métodos para utilização por terceiros; incluindo aquelas que operam nas tradições das pesquisas quantitativas e qualitativas.

Conclusão: Aplicando a Pesquisa Performativa

O financiamento e as estruturas de pesquisa estão sendo transformados em muitos países. Exercícios de avaliação de pesquisa, quadros de qualidade e prioridades nacionais agora moldam a indústria da pesquisa. Dentro desse mix, uma chamada imutável é para a comercialização da pesquisa: para a inovação e as agendas de P(esquisa) & D(iscussão) desempenharem um papel fundamental na tarefa de construção da riqueza nacional. Nesse ambiente, parece certo que a pesquisa performativa vai se tornar cada vez mais importante como uma abordagem metodológica através das artes, humanidades e ciências sociais. Pesquisa performativa – enquanto tem sido alimentada pelas práticas de artistas/pesquisadores, e é o paradigma de investigação mais apropriado para todas as formas de prática artística – também está sendo usada por pesquisadores envolvidos na criação e produção de conteúdos através das indústrias criativas e culturais, especialmente aqueles envolvidos nas pesquisas guiadas-pelo-usuário e nas pesquisas do usuário-final. A orientação prática da pesquisa guiada-pela-prática está alinhada com os processos de teste e prototipagem tão comuns na pesquisa comercial aplicada e no desenvolvimento de aplicações de pesquisa para a educação *on-line*, herança virtual, varejo criativo, turismo cultural e aplicações negócios-consumidor.

Nessa dinâmica evolutiva da pesquisa, estamos testemunhando um amadurecimento da arquitetura conceitual da pesquisa performativa e uma nítida clareza sobre as práticas de pesquisa reais da pesquisa conduzida-pela-prática. No entanto, aplicações documentadas serão a dobradiça sobre a qual nosso entendimento desse paradigma de pesquisa em evolução irá girar, e neste girar, especialmente em um ambiente preocupado com inovação e comercialização, a Pesquisa Performativa irá se tornar reconhecida e valorizada como um dos três principais paradigmas de pesquisa.

Sobre o autor

Brad Haseman é professor na Creative Industries Faculty da Queensland University of Technology, Austrália. Estudioso da estética, das formas de performance contemporânea e da pedagogia, é reconhecido por sua contribuição nas áreas de teatro educativo, drama processo e performance aplicada. É conhecido como um dos principais defensores da Pesquisa guiada-pela-prática. Seu artigo “Manifesto para a investigação performativa” (2006) é visto como um “chamado à luta”, e propõe uma metodologia de pesquisa não-tradicional para as artes. Desde 2008 lidera o projecto de investigação performativa “Desenvolvendo programas de performance aplicada para a educação HIV e AIDS” em Papua, Nova Guiné. Atualmente é o presidente do Painel Estratégico de Capacitação para o Conselho para as Artes da Austrália.

Referências

AUSTIN, J.L. *How to do things with words*. 2. ed. Londres: Harvard University Press, 1975. p. 1-11. Disponível em: <<http://ucstuff.com/FALL2003/j-1-austin.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

BATESON, G. *Steps to an Ecology of Mind*. Nova York: Ballantine, 1972.

CRESWELL, J. W. *Educational Research: planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research*. Columbus: Merrill Prentice Hall, 2002.

EISNER, E. Aesthetic Modes of Knowing. In: _____. *Learning and Teaching the Ways of Knowing: Eighty-fourth Yearbook of the National Society for the Study of Education, Part 2*. Chicago: National Society for the Study of Education, 1985.

FLICK, U. *An Introduction to Qualitative Research*. Londres: Sage, 1998.

GRAY, C. Inquiry through practice: developing appropriate research strategies. In: International Conference on Art and Design Research, 1996, Finlândia. *Anais...* Finlândia: UIAH, 1996. Disponível em: <<http://carolegray.net/Papers%20PDFs/ngnm.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

GRAY, C.; MALINS, J. *Visualising Research: a guide to the research process in art and design*. Inglaterra: Ashgate Pub, 2004.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *The Landscape of Qualitative Research*. Londres: Sage Publications, 2003.

_____. *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Califórnia: Sage Publications, 2005.

GERGEN, M. M.; GERGEN, K. J. Qualitative Inquiry Tensions and Transformations. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *The Landscape of Qualitative Research*. Londres: Sage Publications, 2003. p. 575-610.

GREEN, L. Hard and Soft Data: gender discrimination in research methodologies. *Australian Journal of Communication*, Austrália, vol. 8, n. 2, p. 84-93, 1991.

LANGELLIER, K. M. Personal Narrative, Performance, Performativity: two or three things I know for sure. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *The Landscape of Qualitative Research*. Londres: Sage Publications, 2003. p. 441-468.

LINCOLN, Y. S.; DENZIN, N. K. *Turning Points in Research: tying knots in a handkerchief*. Califórnia: AltaMira Press, 2003.

PARKER, A.; KOSOFSKY, E. (Ed.). *Performativity and Performance*. Nova York: Routledge, 1995.

SANDANA, J. (Ed.). *Ethnodrama: An Anthology of Reality Theatre*. Califórnia: AltaMira

Press, 2005.

SILVERMAN, D. *Qualitative Research: Theory, Method and Practice*. Londres: Sage Publications, 1977.

SCHON, D. A. *The reflective practitioner: how professionals think in action*. Nova York: Basic Books, 1983.

SCHWANDT, T. A. *Dictionary of Qualitative Research*. Califórnia: Sage Pulications, 2001.

SNOW, D. A.; MORRIL, C. Ironies, Puzzles, and Contradictions in Denzin and Lincon's Vision for Qualitative Research. *Journal of Contemporary Ethnography*, vol. 24, n. 3, p. 358-362, out. 1995.

SWANWICK, K. *A Basis for Music Education*. Windsor: NFER Publishing, 1979.